



AS PREFERÊNCIAS MUSICAIS DOS ALUNOS DO IFRN/CAMPUS MACAU

Demóstenes Dantas Vieira (1); Priscila Gomes de Souza (2); Marcus Vinícius Silva de Paiva (3);
Jorge Anderson Nascimento dos Santos (4)

- (1) Instituto Federal de Educação ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - e-mail:
demostenes.vieira@ifrn.edu.br
- (2) Instituto Federal de Educação ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - e-mail:
priscila.souza@ifrn.edu.br
- (3) Instituto Federal de Educação ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - e-mail:
marcus.vinicius.paiva@hotmail.com
- (4) Instituto Federal de Educação ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN - e-mail:
natury_tuy@hotmail.com

Resumo: Este trabalho objetiva analisar as preferências musicais dos alunos do IFRN/Campus Macau. Ele é fruto da análise dos resultados iniciais de um Projeto de Pesquisa realizado no Campus, cujo objetivo é estreitar os laços entre o ensino de música e as reflexões sobre a construção social do gosto, tema de interesse da musicologia e da sociologia. Para tanto, propomos uma pesquisa quantitativa, com aplicação de questionário semiaberto aos alunos da disciplina de Artes/Música. Nesse sentido, o nosso aporte teórico congrega as reflexões de Bourdieu (2007), Hobsbawm (1990), Vieira (2015), Vieira e Brito (2016), Souza (2016) dentre outras referências. À vista disso, entendemos que o mapeamento das preferências dos alunos pode contribuir para o melhoramento de práticas de ensino em torno dos saberes já adquiridos antes do ingresso na nossa instituição, além do aprimoramento da reflexão sobre o gosto musical e as diversas manifestações musicais da nossa comunidade.

Palavras-Chave: Preferências musicais. Gosto. Construção social.

1. Introdução

O projeto de pesquisa intitulado A Construção Social do Gosto e as Preferências Musicais dos Alunos do IFRN/Campus Macau propõe um diálogo entre a Sociologia Bourdieusiana e a disciplina de Artes/Música, mais especificamente, nas discussões inerentes a construção social das preferências musicais. Ele é fruto de inquietações advindas do processo contemporâneo de produção, difusão e circulação de produtos culturais massificados, em que a *Indústria Cultural* tem influenciado as preferências culturais, tais como a música, a literatura, o cinema, dentre outras manifestações simbólicas. Ressaltamos também que as primeiras discussões acerca do assunto se deram no Grupo de Pesquisa Sobre Corpo, Esporte e Movimento – GCEM, do qual fazem parte o



coordenador e os colaboradores docentes. A partir desse cenário, propomos uma discussão sobre a forma como o gosto musical é construído socialmente, numa tentativa de mapear as preferências musicais dos nossos alunos afim de subsidiarmos atividades de pesquisa e intervenção com relação ao aprimoramento da capacidade de decodificação artístico e cultural dos discentes.

Com relação ao nosso aporte teórico, ressaltamos as contribuições da Sociologia Bourdieusiana, principalmente a obra *A distinção* (2007) que nos oferece subsídios teóricos e metodológicos para o desenvolvimento deste projeto, como as noções de *habitus*, gosto e capital. A partir dessas perspectivas teóricas, as preferências musicais são compreendidas como construções socioculturais e histórico-discursivas, resultado das relações de poder/saber, desigualdades sociais e capital econômico, cultural e escolar. À vista disso, salientamos a importância de uma prática pedagógica e de uma reflexão sobre as práticas musicais dos nossos alunos, de modo que possamos entender os porquês de suas preferências, entendimento que pode subsidiar práticas musicais de ensino, pesquisa e extensão.

2. Metodologia

Para a execução da pesquisa, propomos a elaboração e aplicação de um questionário sobre as preferências musicais dos alunos da disciplina Artes/Música, de modo que possamos mapear as suas preferências. Aplicamos junto a duas turmas da disciplina de Artes/Música dos Cursos Técnicos Integrados do IFRN/Campus Macau. Tal amostra representa as duas turmas que semestralmente cursam a disciplina de música e produzem um Concerto Musical com base nas discussões da disciplina e nas suas preferências culturais. Apresentaremos aqui os resultados iniciais da nossa pesquisa e abordaremos a relação entre as preferências musicais dos alunos, o gênero (masculino e feminino) e o nível socioeconômico. Por fim, produzimos tabelas com dados quantitativos e propomos uma interpretação com base na discussão sobre a construção social do gosto e *habitus*, levando em consideração, principalmente, as contribuições de Pierre Bourdieu acerca da distinção social e preferências culturais.

3. Resultados e discussões

Segundo Napolitano (2005), as fontes audiovisuais e musicais têm ganhado espaço dentro da academia e têm sido compreendidas como um desafio e, metodologicamente, como fontes primárias



relativamente novas. Segundo ele, a área de Letras (isso é perceptível, principalmente, com o desenvolvimento da Análise do Discurso) e as Ciências Sociais já haviam descoberto a canção muito antes de outras ciências como a história, a geografia etc. Segundo Moraes (2010), desde a década de quarenta busca-se a construção de um espaço para a música na academia.

No Brasil, é apenas na década de setenta¹ que alguns estudos começam a receber destaque no meio científico, principalmente no que compete à análise da música popular. Conforme Moraes (2010), diversos desses trabalhos adotaram perspectivas bastante estereotipadas, o que requer uma releitura da cultura popular e da música popular urbana tão criticadas pelos teóricos da *Indústria Cultural*. Nos anos 60, em *A História Social do Jazz*, Hobsbawn (1990) afirma sê-lo o ritmo mais forte do século XX, entretanto, foi bastante criticado pelos estudiosos eruditos. Segundo ele, “a segunda metade do século XIX foi, em todo o mundo, um período revolucionário nas artes populares, embora este fato tenha passado despercebido daqueles observadores eruditos mais esnobes e ortodoxos” (HOBSBAWM, 1990, p. 59). Essa revolução sugere a necessidade de sua investigação.

Os estereótipos formulados pela academia também influenciaram a produção brasileira. Já na década de 30, Mário de Andrade (1928, p. 167-168), em *Ensaio sobre a Música Brasileira*, refere-se a uma suposta “influência deletéria do urbanismo” e sugere que o investigador deve procurar discernir “o que é virtualmente autóctone, o que é tradicionalmente nacional, o que é essencialmente popular, enfim, do que é popularesco, feito a feição do popular, ou influenciado pelas modas internacionais”.

Moraes (2000) destaca o fato de que muitos dos trabalhos sobre a música popular adotaram como objetivo realizar comparações entre a música popular e a música folclórica, como também com a música erudita, deixando de se perceber a riqueza singular de suas representações. Em muitos desses trabalhos privilegiou-se somente os aspectos do que Adorno e Horkheimer (1947) chamaram de *Indústria Cultural*².

Júlio Medaglia apud Campos (1974, p. 68) defende a ideia de que devemos distinguir duas

¹ Essa data está colocada no trabalho apenas como uma referência de tempo. Moraes (2000) nos diz que aproximadamente no fim dos anos 70 começa-se a se formar uma bibliografia sobre o assunto, advinda de inúmeros estudos acadêmicos ainda sob a ótica da História tradicional. Moraes (2000) ressalta, entretanto, que nesse período surgiram muitos estudos de grande relevância que se constituíram como aporte para diversas pesquisas que os sucederam.

² Essa data está colocada no trabalho apenas como uma referência de tempo. Moraes (2000) nos diz que aproximadamente no fim dos anos 70 começa-se a se formar uma bibliografia sobre o assunto, advinda de inúmeros estudos acadêmicos ainda sob a ótica da História tradicional. Moraes (2000) ressalta, entretanto, que nesse período surgiram muitos estudos de grande relevância que se constituíram como aporte para diversas pesquisas que os sucederam.



categorias dentro do que chamamos música popular: “o primeiro tem suas raízes na imaginação popular e é aproveitado e divulgado pelo rádio, pela TV, pelo filme e pela gravação; o outro é a espécie de música popular que é fruto da própria indústria de telecomunicação”. Moraes (2000) parece concordar com tais autores citando-os em alguns momentos do texto, fazendo sempre uma alusão à necessidade de releitura do que entendemos de música popular e dos estereótipos levantados com relação à música popular urbana, que, na maioria das vezes, é percebida como *regressão da audição*³.

Outra questão bastante relevante ao se trabalhar a música é o cuidado em se “evitar os costumeiros reducionismos mecânicos que constantemente tentam determinar as relações culturais como simples reflexos das estruturas históricas mais gerais” (MORAES, 2000, p. 212) e, portanto, desmistificar as dicotomias tão presentes na tradição sociológica de que o particular é sempre fruto do todo, de que o gosto musical é sempre um processo de regulação social. É necessário percebermos a música em irrupção, como formas simbólicas que compreendem partes significantes das estruturas sociais ao mesmo tempo em que são estruturantes. Da mesma forma, deve-se compreender a música como fruto e processo das dinâmicas histórico-sociais, visto que a música é feita por sujeitos que compõem as manifestações históricas e sociais.

É interessante lembrar que quando se fala em música e gosto, geralmente se parte da *Indústria Cultural*, que se restringe ainda à mesma visão adotada por Adorno e Horkheimer na primeira metade do século XX. É necessário, portanto, pensar a dinâmica da *Indústria Cultural* nas suas relações com o sujeito, uma vez que não se concebe mais entendê-lo apenas como elemento determinado pelas estruturas sociais, mesmo pela cultura, tendo em vista que ele é agente produtor e transformador dessas estruturas.

Diante disso, propomos desenvolver uma análise com base nas contribuições da Sociologia Bourdieusiana, mais especificamente, na discussão acerca das preferências culturais como *habitus*. Por conseguinte, propomos a análise dos questionários a partir das seguintes categorias: preferências musicais, gênero e nível socioeconômico. Analisaremos tais categorias isoladamente e faremos também uma análise comparativa entre a primeira e as últimas. Para entendermos como se dá a construção do gosto, destacamos a obra de Bourdieu (2007) que,

³ Termo utilizado por Adorno em *O feticchismo na música e a regressão da audição*. In: Theodor W. Adorno – Textos Escolhidos. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999. O seu valor semântico nos remete a uma degradação estético-poética, portanto, uma regressão para aqueles que a escutam.



em pesquisa realizada na década de 1970, sobre o gosto, o *habitus* e as preferências sociais, apresenta os resultados sobre a naturalização do gosto. Segundo ele, a apreciação estética está associada à capacidade de decodificação dos símbolos. Nesse sentido, a decodificação estaria associada ao consumo dos diversos tipos de produtos culturais, seja um código mais, ou menos elaborado. Conforme escreve, a compreensão de uma obra de arte pressupõe, portanto, as habilidades necessárias a sua decodificação. Essa decodificação está associada ao capital não só econômico, mas também ao capital cultural, familiar, escolar. Por *capital* cultural e escolar entenda-se o “capital estatutário de origem, ou seja, aprendizagens culturais, maneiras de comportar-se à mesa ou arte da conversação, cultura musical ou senso das conveniências, prática do tênis ou pronúncia da língua e são fornecidas pela precocidade da aquisição da cultura legítima (VIEIRA, 2016, p. 09)

À vista disso, o gosto e/ou as preferências culturais são mais uma construção psíquico-social do que uma escolha, conforme escreve o Bourdieu (2007) é um *habitus*, termo usado por ele para designar uma predisposição psíquica, como um engendramento social, interiorização das estruturas sociais nas quais o indivíduo está inserido. Tal predisposição está ligada às diversas estruturas sociais e capitais (econômico, social, cultural etc.) nos quais o sujeito se insere e se constrói, incluindo aqui as diversas categorias, costumes, crenças, poder aquisitivo, nível de instrução, gênero, religião, etc. Nesse sentido, “a arte e a relação” das pessoas “com a obra de arte”, são perceptíveis pela distinção social, seja pela profissão, renda, idade, sexo, trajetória social, instrução etc. (BOURDIEU, 2007, p.88). Segundo ele, “os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar” (BOURDIEU, 2007, p.13). Com relação às preferências musicais, coletamos as seguintes informações⁴:

⁴ No cálculo das porcentagens, usamos somente duas casas decimais.



Tabela 01: Preferências musicais

Amostra total		
Preferências musicais	Quant.	%.
Forró Eletrônico	03	8,57%
Forró Pé de Serra	01	2,85%
Forró Universitário	0	0%
Sertanejo	06	17,14%
Regue	0	0%
Rap	05	14,28%
Funk	0	0%
Pop	01	2,85%
Rock	02	5,71%
Música Gospel	08	22,85%
Música Católica	0	0%
Samba	0	0%
Pagode	0	0%
MPB	08	22,85%
Música Eletrônica	0	0%
Outro	01	2,85%
Total de entrevistados	35	100%

Fonte: autores

Conforme pode-se observar, os dados coletados apontam para duas preferências, a Música Gospel e a MPB, ambas com 22,85%. Seguem o Sertanejo com 17,14% e o Rap 14,28%. Temos ainda o Forró com pouco mais de 10% (somados o Eletrônico e o Pé de Serra). Sobre esses dados, gostaríamos de fazer alguns apontamentos. Primeiramente, salientamos a importância da Música Gospel no cenário nacional. As pesquisas têm apontado um grande crescimento no número de evangélicos no Brasil, que tem somado aproximadamente 40 milhões de pessoas. Se levarmos em consideração o fato de que o movimento gospel no Brasil constrói-se a partir de um discurso de separação (até certo ponto cultural), entenderemos o porquê desse índice.

As igrejas evangélicas no Brasil têm se constituído como um espaço bastante profícuo para discutirmos o que Maffesoli (1988) denominou de “tribos urbanas”, grupos de pessoas que se organizam como “subsociedades” ou “subculturas” nas quais compartilham crenças, gostos, preferências, estilos de vida, etc. (PAIS; BLASS, 2004). Dentre esses aspectos, destacamos as preferências musicais, tendo em vista que a Música Gospel tem se constituído como um *habitus* na vida dessas pessoas, ligado não só ao espaço religioso, mas aos momentos de lazer, de entretenimento, e nas diversas situações (formais ou informais) das quais participam (cerimônias de formatura, festas de casamento, aniversários, baile de debutantes, etc.). Já com relação à MPB,



tem-se observado um crescente despertar dos alunos com relação a músicas com maior acabamento estético. Isso se deve, talvez, ao fato de que se tem construído um conhecimento e reflexão acerca da decodificação e amadurecimento estético nas aulas de Artes/Música, embora seja notório nos dados que seguirão que essas preferências estão também ligadas ao nível socioeconômico dos alunos, conforme escreve Bourdieu (2017), ao capital social, cultural, escolar, familiar e também econômico. Discutiremos mais profundamente as demais categorias durante o trabalho ao compararmos as preferências citadas com os dados acerca do gênero (masculino e feminino) e da renda familiar.

Com relação ao *gênero*, analisamos 17 questionários masculinos e 18 femininos, pois objetivamos realizar uma comparação entre as preferências musicais masculinas e femininas. Vale salientar que a amostra foi composta por jovens de 16 a 18 anos de idade. Temos, portanto, 48,57% da população pertencente ao sexo masculino e 51,42% ao sexo feminino. Com relação às preferências musicais e o gênero, obtivemos os seguintes dados:

Tabela 02: Preferências musicais x gênero (sexualidade)

Preferências musicais	Gênero Masculino		Gênero Feminino	
	Quant.	%.	Quant.	%
Forró Eletrônico	03	17,64%	0	0%
Forró Pé de Serra	0	0%	01	5,55%
Forró Universitário	0	0%	0	0%
Sertanejo	0	0%	06	33,33%
Regue	0	0%	0	0%
Rap	05	29,41	0	0%
Funk	0	0%	0	0%
Pop	0	0%	1	5,55%
Rock	02	11,76	0	0%
Música Gospel	05	29,41	03	16,66%
Música Católica	0	0%	0	0%
Samba	0	0%	0	0%
Pagode	0	0%	0	0%
MPB	02	11,76	06	33,33%
Música Eletrônica	0	0%	0	0%
Outro	0	0%	01	5,55%
Total de entrevistados	17	100%	18	100%

Fonte: autores

O primeiro fato que nos chama atenção são as preferências masculinas. Primeiramente, destaca-se a Música gospel com 29,41%, que também recebe percentual elevado no gênero



feminino (16,66%), isso está muito ligado a um modo de vida desses sujeitos, que segundo observado nos questionários, são todos evangélicos. Isso nos remonta a um *habitus* discursivo de separação daquilo que comumente entre “tribos evangélicas” chama-se de música do mundo e música sagrada (a Música Gospel). Ainda sobre as preferências do gênero masculino observa-se alguns gêneros discursiva e socialmente “masculinizados” como o Rap e o Rock que predomina letras, interpretes e universo predominantemente masculinos.

Os dados supracitados endossam os resultados da pesquisa Souza (2016, p.01), segundo a qual “O RAP [...] revela inquietações, inseguranças, angústias, desejos, que permeiam a vivência do espaço urbano das grandes cidades e que se manifestam a partir da elaboração de uma estética que reflete um cenário de desigualdades sócio-raciais. Estética esta que remete a um cenário masculino”. Assim também se apresenta o universo do Rock, tendo em vista o patriarcalismo “A representação da mulher no universo do Rock’n’roll é enormemente influenciada por essa concepção essencialista dos sexos. Soma-se a isso o fato de o Rock’n’roll ser considerado um gênero musical essencialmente masculino” (MONTEIRO, 2004, p. 39).

O Forró Eletrônico não teve representatividade entre o gênero feminino, embora tenha conseguido 17, 64% entre os homens. Talvez isso se deva às mesmas questões ligadas ao Rap e ao Rock, a predominância do universo masculino nas letras das canções, que os remetem, segundo Costa (2012), a letras que objetificam sexualmente as mulheres e reproduzem um discurso binário de gênero e relações de poder do homem sobre ela. Já com relação ao gênero feminino, observa-se a predominância da MPB e a Música Sertaneja com 33,33%.

Pensando ainda a questão das preferências, propomos uma análise ligada ao capital econômico. Para tanto questionamos os alunos com relação à renda familiar. Coletamos as seguintes informações:

Tabela 03: Renda familiar:

Renda familiar	Quantidade	Porcentagem
Até um salário mínimo	13	37,14%
De um a dois salários mínimos	06	17,14%
De dois a três salários mínimos	06	17,14%
De três a quatro salários mínimos.	05	14,28%
Mais de quatro salários mínimos	05	14,28%
Total	35	100% 99,98



Fonte: autores

A análise da renda familiar dos componentes da nossa amostra aponta para a carência socioeconômica dos nossos alunos, em que 37,14% possuem renda familiar de até 01 salário mínimo, 17,14% de 01 a dois salários mínimos. No geral, mais da metade recebe até dois salários mínimos. Os demais dados oscilam entre 17,14% (de dois a três salários mínimos) e 14,28% (de dois a três salários mínimos) e 14,28% (mais de quatro salários mínimos). Esses dados possibilitam a interpretação da tabela que segue, com os dados acerca das preferências musicais e renda familiar.

Tabela 04: Preferências musicais x renda familiar

Preferências musicais	Renda: até 01 salário mínimo		Renda: de 01 a 02 salários mínimos		Renda: de 02 a 03 salários mínimos		Renda: de 03 a 04 salários mínimos		Renda: mais de 04 salários mínimos	
	Quant.	%.	Quant.	%.	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Forró Eletrônico	03	23,07%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Forró Pé de Serra	0	0%	0	0%	0	0%	01	20%	0	0%
Forró Universitário	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Sertanejo	01	7,69%	03	50%	02	33,33%	0	0%	0	0%
Regue	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Rap	0	0%	02	33,33%	03	50%	0	0%	0	0%
Funk	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Pop	0	0%	0	0%	0	0%	01	20%	0	0%
Rock	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	02	40%
Música Gospel	07	53,84%	01	16,6%	0	0%	0	0%	0	0%
Música Católica	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Samba	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Pagode	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
MPB	02	15,38%	0	0%	0	0%	03	60%	03	60%
Música Eletrônica	0	0	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Outro	0	0	0	0%	01	16,6%	0	0%	0	0%
Total	13	100	06	100	06	100	05	100	05	100

Fonte: autores

Com relação aos dados acima apresentados, gostaríamos de realizar alguns apontamentos. A princípio, voltamos-nos mais uma vez aos dados sobre a Música Gospel, e observamos o fato de que



ela predomina entre aqueles com menor poder aquisitivo (até 01 salário mínimo), apresentando percentual de 53,84%. Até certo ponto, entendemos que isso se deve ao ópio proporcionado pela religião, sendo notório o crescimento do discurso religioso, das teologias da prosperidade, entre a população mais carente economicamente e com menor capital escolar. Conforme escreve Marx (1993), o discurso religioso está ligado à aceitação das condições de precariedade social, no sentido de que ela proporciona um ópio e entrega da existência a um ser supremo, estando ligada às necessidades e carências da população. Conforme escreve Marx (1993), “a religião é o ópio do povo”, pensamento também presente na obra de Nietzsche (1998). Evidentemente, existem diversos outros aspectos antropológicos e sociológicos ligados a essa questão e não propomos aqui desenvolver generalizações, aspectos ligados à condição humana religiosa e a um *habitus* social ligado a práticas religiosas. Por esse motivo, discorrer sobre tais questões é deveras complexo e exige maior aprofundamento, assim como uma amostra maior.

Ainda sobre os dados, observamos a predominância do Rap entre os componentes com renda entre 01 e 03 salários mínimos, com 33,33% (de 01 a 02 salários mínimos) e 50% (de 02 a 03 salários mínimos). Já com relação as duas últimas categorias, que representam a parcela com maior poder aquisitivo, 60% respondeu que preferem a MPB. Isso se coaduna com pesquisas já realizadas sobre a distinção social, o *habitus* e as preferências musicais realizadas por Bourdieu (2007), Vieira (2015), entre outros, que pontam para uma relação entre capital econômico-cultural e preferências musicais, estando o Forró Eletrônico, o Sertanejo e outros gêneros musicais de fácil decodificação mais ligados ao consumo de pessoas com menor poder aquisitivo e menor nível de instrução, respectivamente, capital econômico e capital cultural/escolar. Percebe-se que quanto maior o nível de instrução, maior a porcentagem entre os gêneros com maior rebuscamento estético, tais como a MPB, o Rock, o Forró Pé de Serra, etc.

4. Considerações finais

Os dados analisados apontam para uma compreensão relacional, antropológica, sociológica e musicológica acerca das preferências musicais. Endossando pesquisas já realizadas sobre a distinção social, o gosto e o *habitus*, os dados apontam para a relação entre gênero (masculino e feminino), capital econômico, religião e preferências musicais. Evidentemente, os dados são ainda bastante iniciais, sendo necessário um aprofundamento acerca da relação entre capital escolar e gostos musicais da população analisada, a saber, alunos do IFRN/Campus Macau.

Observamos ainda a relação entre as preferências musicais e o capital econômico dos alunos, sendo bastante evidente a relação entre maior poder aquisitivo e decodificação/apreciação



de gêneros musicais mais elaborados esteticamente, o que nos remete à relação entre capital econômico e capital escolar, embora nem sempre esses dois elementos andem juntos.

Por fim, vale ressaltar a preferência dos homens por gêneros musicais que retratam o universo masculino (como o Rap e Rock), em paralelo, as mulheres apresentam maiores preferências pelo Sertanejo e pela MPB, talvez por retratarem um pouco mais o universo feminino, evidentemente, pensando aqui um *habitus* e uma construção ligada ao entendimento do feminino na nossa sociedade, que nos remonta à sensibilidade e o romantismo, embora seja necessário não realizar quaisquer tipos de generalizações som relação ao que venha a ser o feminino e masculino, tendo em vista as múltiplas formas de feminilidade e masculinidade.

5. Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural o iluminismo como mistificação das massas**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: Teoria da Cultura de massa. Luiz Costa Lima (Org.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, Theodor W. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. In: Theodor W. Adorno – Textos Escolhidos. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.

ANDRADE, Mário de. **O Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: Martins Editora, 1962.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007.

_____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

CAMPOS, Augusto de. **Balanço da bossa e outras bossas**. 2 ed, São Paulo: Perspectiva, 1974.

COSTA, Jean Henrique. **Indústria cultural e forró eletrônico no Rio Grande do Norte**. 2012. 309 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – CCHLA, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

HOBBSAWN, E. J. **História Social do Jazz**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

MARX, Karl. **Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel**. Lisboa: Edições 70, 1993.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

MONTEIRO, Tiago José Lemos. **DA PATOLOGIA À CELEBRAÇÃO: representações de gênero e o discurso dos fãs no filme “Quase famosos”**. 2004. 103f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2004.

MORAES, José Geraldo Vince de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 20, nº 39, p. 203-221. 2000.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo, Annablume, 2004.

SOUZA, Ângela Maria de. **A globalização do movimento hip-hop: estabelecendo relações de consumo e gênero**. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Angela_Maria_de_Souza_43.pdf>. Acesso em 10 de Junho de 2016.

VIEIRA, Demóstenes Dantas. **A Relação Fã/Ídolo, o Forró Eletrônico e a Distinção Social: Discurso, Emoção e Identidade**. 2015. 122f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN 2015.

VIEIRA, Demóstenes Dantas; BRITO; Luan Talles de Araújo. Reflexões Teórico-Epistemológicas sobre o Forró Eletrônico: um estudo de caso. **Revista Vórtex**, Curitiba, v.4, n.1, 2016, p.1-17.

WACQUANT Loïc. Esclarecer o Habitus. **Educação & Linguagem**, São Paulo, n. 16, 2007. Disponível em: <<http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/.../136>>. Acesso em 12 de Agosto de 2013.